



Roteiros

7. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

A Conjuntura Estratégica

O recente livro de Gorbachev, que é uma redefinição, para a época de atitudes tomadas por antecessores seus na secretaria geral do Partido Comunista Soviético, aparece divulgado como novidade sem antecedente.

Com isto significamos que não se trata apenas, como talvez gostassem de dizer os chamados historiadores do presente, de um novo patamar, mas sim da utilização de uma técnica conhecida, bem definida, e ressuscitada de tempos a tempos.

A questão é, portanto, a de saber por que é que foi oportuno, para o actual secretário geral, recorrer à técnica da distensão.

Em primeiro lugar, seria conveniente lembrar que as duas superpotências — URSS e EUA — nunca confundiram as suas responsabilidades mundiais com assumidas responsabilidades regionais, incluindo, pelo que nos toca, as europeias.

Por isso mesmo, com frequência são obrigadas a negociar entre ambas, tendo em vista interesses que também afectam a condição dos seus aliados ou satélites.

Também neste caso tudo começou formal e publicamente com um tratado assinado entre ambas as superpotências, do qual apenas foi publicado parte, contra o disposto na Carta da ONU, para que os tratados possam ser eficazes e oponíveis.

Mas os interesses privativos das grandes potências constituem segredo de estado enquanto o considerarem conveniente.

Todavia, se relacionarmos as negociações, entre outros importantes factos, com a publicação do livro do brilhante Director-Geral da UNESCO, Federico Mayor, o qual se chama *Mañana Siempre es Tarde*, teremos alguma noção da linha dominante no relacionamento actual entre as superpotências. A miséria cresceu exponencialmente no mundo que foi colonial e é dependente, mas também revelou efeitos em toda a escala desenvolvimentista dos países, tornando apolítica uma conclusão: Não é possível desenvolver simultaneamente uma política armamentista e uma política desenvolvimentista.

O défice orçamental americano tem réplica na dívida interna soviética que se traduz nas carên-

cias crescentes de uma população cuja pirâmide está em variação acelerada, porque os brancos serão minoria no fim do século.

Mesmo num estado totalitário é impossível evitar que lá cheguem, embora com ritmo diferente, as revoluções mundiais do nosso tempo: a explosão demográfica, a simultaneidade da informação, o envelhecimento dos aparelhos burocráticos, a internacionalização científica e tecnológica, e consciência da variável do medo que a corrida armamentista instalou no mundo, e que, certamente, esta última explica muita da popularidade da mensagem soviética.

O que se passa dentro da URSS não tem portanto que ver com interesses utópicos ou teóricos da humanidade, com ideais dos direitos do homem, com a preservação do legado político ocidental.

Tem que ver com os interesses soviéticos, com as responsabilidades nacionais do secretário-geral, com as responsabilidades reais e efectivas do Estado, em suma, com a logística do império.

Por isso o secretário-geral é coerente quando afirma que se inspira no leninismo e tem em vista o reforço do sistema pelo qual é responsável. Acontece que a necessidade imposta pela logística do império de abrandar o esforço armamentista para responder às exigências daquilo que chamo a dívida interna soviética, vem a coincidir com o desejo de paz pelo direito, cada vez mais vivo no Ocidente, e reclamado pela juventude mundial, como dramaticamente acaba de ser demonstrado na China.

Por tudo, parece evidente que, para prognosticar sobre o êxito da anunciada e praticada política, é indispensável ter alguma notícia do que se passa no interior dos Estados Unidos da América do Norte, pelo que toca à relação entre as duas políticas de armamento e de desenvolvimento. Algum efeito tem certamente no eleitorado, e sobretudo na juventude americana, o passado histórico que inclina para o Pacífico, os sacrifícios feitos em meio século de defesa da Europa, os encargos humanos e materiais sofridos nas terríveis guerras marginais que foram, por exemplo, o Vietnam e a Coreia. Por isso mesmo os últimos tempos têm

Conclui na pág. 2

mostrado o funcionamento da especial forma de alternância americana, que é fazer oscilar a sede do poder entre o presidente e o Congresso. Quase como regra geral, quando os Estados Unidos estão num momento de força e expansão, a sede do poder está no presidente; pelo contrário, sempre que as tensões implicam a revisão da logística daquilo que Aron chamou a República Imperial, a sede do poder transfere-se para o Congresso. Parece claro que temos assistido a uma transferência da sede para este último, e isto deve ser tomado em conta para entender o novo relacionamento entre as superpotências.

Talvez não seja inoportuno lembrar que, quando Vasco da Gama chegou à Índia, e segundo se diz no Roteiro, um homem que estava no cais perguntou para os de bordo — que coisa vinham ali fazer. Um anônimo, mas sábio marinheiro, respondeu que vinham por cristãos e pimenta.

Neste caso é da pimenta dos impérios que se trata. E porque se trata da pimenta, e não dos cristãos, parece afastada das realidades a posição governamental, tomada na Assembleia da República, sobre o debate que provocou da Europa, no sentido de que o Acto Único não permite a discussão dos problemas de defesa, os quais todavia, e necessariamente, vão afectar os países da comunidade, variando esse efeito principalmente em função dos acordos das superpotências, e da evolução do projecto europeu que for adoptado.

Seria bom não esquecer que os tratados são o espelho ocasional de um ocasional equilíbrio de forças, e este equilíbrio varia sem prestar grande atenção à letra dos tratados. É por isso que não chegamos tratados, são indispensáveis estadistas.

ADRIANO MOREIRA

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral

N.º de Registo 112 874

● Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-geral do IDJC)

● Redacção

Sede do Instituto
R. da Madalena, 225 - 3.º Dto.
1100 LISBOA
Telef. 86 01 25

● Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

● Difusão

Pedidos à Redacção

Comp. e Imp. na Mislgráficas - Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 36 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

A Juventude

O encerramento do Ano Cultural do nosso Instituto teria lugar na Sala Algarve da Sociedade de Geografia de Lisboa no dia 29 de Abril, com um Colóquio-Debate, tendo como tema: *A Juventude Universitária e os Descobrimentos*.

Houve da parte da Direcção do Instituto um cuidado muito grande na preparação deste Colóquio por ser o primeiro a ser lançado no campo da Juventude Universitária e que poderia servir de Colóquio piloto para outras actividades culturais deste género.

Foi escolhido o local, tendo em conta a ligação da Sociedade de Geografia ao Ultramar Português, através dum conjunto de actividades científicas e culturais ímpares no país.

Os 150 participantes foram convidados entre os estudantes que frequentam as diferentes Universidades sediadas em Lisboa.

As Comunicações seriam feitas por 2 estudantes e um Assistente e pelo mesmo, gente nova.

A metodologia seguida foi muito apropriada para este grupo etário e o Programa foi pensado em termos duma grande flexibilidade.

Segue na pág. 4

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

ESBOA - Av. Infante Santo, 23 - 12.º Dto. - Telef. 47 47 34 - Telex 12037 Gertal P Lisboa - 1202 Lisboa
PORTO - Rua S. João Baptista, 216 - Telef. 49 95 05 - Telex 23426 Gertal P Porto - 403 Porto

Universitária e os Descobrimentos

ASPECTO PARCIAL
DA SALA
NA SOCIEDADE
DE GEOGRAFIA



**HOTEL
ROMA**

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA
Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ
Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs (049) 52215/52225 — Telex 43279

PLAM

TERRENO OU QUINTA

Compro qualquer área

Preferência nos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais

Agradeço resposta detalhada
com área, localização e preço a

PLAM

Largo 25 de Abril, 4-B — ALFRAGIDE
2700 AMADORA

O Dr. Hermínio Esteves, Assistente de História Medieval da U.A.L., apresentou os Descobrimentos, como um facto colectivo, em que participou o povo português através das suas diferentes classes e profissões.

Foi bem vincado este facto como um acontecimento, que marcou a nossa História e o nosso modo de ser.

Víctor Luís Rodrigues, aluno da Faculdade de Direito de Lisboa, apresentou uma Comunicação analisando a *Herança dos Descobrimentos*, que, através de 500 anos de História, chega aos nossos dias; e, a seguir, Jorge Barreto Xavier, aluno do Curso de Direito da U.C.P., pretendeu focar os Novos Roteiros que esta juventude terá de navegar. A dizer a verdade, o Jorge perdeu-se um tanto nesse navegar sem saber bem em que porto amarraria o barco.

De facto, não é fácil navegar e abrir «Os novos roteiros à nação» no meio desta diversidade de opiniões e de opções, que são apresentadas um tanto desordenadas e levianamente.

Também não será de admirar, que apareçam indicações de diferentes rumos, pois os timoneiros nem sempre são os mais «avisados».

A mobilidade e o congestionamento de tantas reuniões e conselhos, não permitem aos responsáveis a reflexão necessária para se tomarem orientações certas, que estejam numa linha histórica na defesa da identidade nacional e na legítima preservação da «herança cultural», que constitui o melhor património dos povos.

Após as 3 Comunicações houve um intervalo para tomar café e troca informal de impressões.

Seguindo-se, pelas 18 horas, as «intervenções» dos participantes, que enchem a sala «Algarve».

A intervenções foram variadas e vieram, clarificar pontos que tinham ficado um tanto baralhados.

O Prof. Agostinho da Silva, durante 1/2 hora, teve suspensão a assistência, e o encerramento seria feito pelo Prof. Doutor Adriano Moreira.

O Colóquio continuaria com outro estilo durante o jantar que a Direcção do Instituto ofereceu a todos os participantes, nos espaços de convívio da Sociedade de Geografia, onde tudo nos fala de «Descobrimentos».

A Direcção do Instituto D. João de Castro agradece muito penhorada os apoios recebidos da Sociedade de Geografia, da Presidência da C. M. de Lisboa, da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e do Banco Totta & Açores, que facilitaram a realização deste Colóquio-Debate dirigido expressamente ao meio estudantil Universitário de Lisboa.

A Direcção do Instituto D. João de Castro tirou, entre outras, a conclusão: que se devem repetir acções culturais deste estilo e que não é difícil realizá-las.

O Presidente da Direcção
(Pe. Joaquim António de Aguiar)

HOTEL

DIRECTOR

Vasco Filipe Perfeito

Regina



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FÁTIMA (Portugal)



AGR
viagens

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Telef. 553858 - 560382 — Telex 42754 Acptur P

FILIAL:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 691342 - 691359 — Telex 64888 Acpano P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378



O atendimento
mais acolhedor



o serviço mais eficiente

BALANÇO E PLANOS

MESA
QUE SE
DIRIGIU
AOS
UNIVERSITÁRIOS



No dia 15 de Junho de 1989, pelas 19 horas, reuniu-se na sede do Instituto, a Direcção, estando presentes os seus membros e ainda o Presidente do Conselho de Fundadores, Prof. Doutor Adriano Moreira.

1. O Presidente da Direcção fez um resumo das actividades culturais realizadas no Ano Cultural, Outubro 1988-Abril de 1989.

Referiu-se aos 4 Colóquios-Debates sobre Descobrimientos realizados em 12 de Outubro de 1988, em Viseu, 15 de Novembro, em Évora, 21 de Janeiro de 1989, em Santarém e muito especialmente o de 29 de Abril, realizado na Sociedade de Geografia, participado por 150 estudantes universitários.

Estava ainda projectado um outro Colóquio a realizar na Universidade Pontifícia de Salamanca e destinado aos estudantes que frequentam Língua e Cultura Portuguesas, e que teve de ser adiado para fins de Outubro próximo, por proposta do Leitor de Português.

1.2. Foram apresentadas as contas relativas ao ano cultural 88/89 e muito especialmente as dos meses de Janeiro-Maio de 1989.

O relator afirmou ser de todo o interesse promover uma campanha para aumentar o número de sócios, para o Instituto conseguir uma maior expressão no campo cultural e ainda para aumentar a alínea das receitas internas.

Também informou que as despesas feitas com a realização dos 4 Colóquios foram cobertas com subsídios conseguidos de diferentes instituições a quem foram solicitados.

1.3. O Secretário do Instituto informou, por sua vez, a publicação do Boletim *Roteiros*, tendo sido distribuídos os N.ºs 4-5 e 6 e também a publicação dos N.ºs 2 e 3 de Cadernos Políticos, estando já preparado o material para a publicação do N.º 4 sobre Descobrimientos.

O Presidente do Conselho de Fundadores, referindo-se a estas áreas de publicações do Instituto, louvou a obra realizada, que deve ser seguida nesse mesmo ritmo, mas torna-se necessário cuidar os textos de modo a evitarem-se gralhas.

2. A segunda parte da reunião foi dedicada à programação das actividades culturais a desenvolver de Outubro de 1989 a Abril de 1990.

Foi aprovada a realização de Colóquios sobre Descobrimientos, em Setúbal, Castelo Branco e em Tomar ou Lagos seguindo o modelo já conhecido e que tem dado bons resultados.

Sugeriu-se ainda a realização dum Colóquio-Debate, destinado a estudantes universitários, seguindo o modelo já experimentado na Sociedade de Geografia, em Abril passado.

Vai prosseguir-se a publicação de Roteiro e de Cadernos Políticos, segundo as disponibilidades financeiras o consentirem.

Após a reunião, foi servida uma modesta refeição na sede do Instituto, servindo para estreitar as relações de amizade já existentes entre todos os componentes da Direcção.

Lisboa, 30 de Junho de 1989

A Direcção

Vitorino Nemésio

O CLAUSTRO NAS PALAVRAS

*Quando eu morrer, não te esqueças,
Chega o lenço pra diante.*

Festa Redonda

*Quando eu morrer...
Eu morro lá!*

O Bicho Harmonioso

O meu claustro já agora é nas palavras.

Canto de Véspera

Por estas horas de indigência, neste tempo persistentemente destituído, como Heidegger no refúgio da sua Floresta Negra por idêntico o foi denominando face ao crepuscular esquecimento do Ser, que acenos de memória nos provoca, a onze anos de distância, o homem e a obra que Nemésio consubstanciou de modo exemplar, trazendo e levando, como ele próprio em desabafo dizia, «coisas tão simples como o sonho e a morte»?

— Qual lenço recolher, agora que, ainda nosso e finito é clausura o tempo nas palavras — tal verbo minúsculo —, quando nele e para ele, talvez, o outro Verbo é maiúsculo — «o Verbo unívoco e sagrado, / Junto a Deus, mesmo Deus único e todo»? (*O Verbo e a Morte*). Que voz então a nossa, cá onde ele cheio de si também clamou em deserto, nesta precária dimensão onde, como Hölderlin similarmente escreveu, «há perigo, mas cresce também o que salva»?

Que canto, para esta véspera — só por cronológico acaso subsequencial à de Nemésio —, se não um paradigmático silêncio, *um claustro nas palavras?*, já que apenas «o verdadeiro discurso torna o silêncio autêntico», como o Filósofo de *Sein un Zeit* o entrevia e o Poeta de *O Pão e a Culpa* o fez em acto, pela síntese de estilo e pensamento poético, tal qual, ao fim e ao cabo, a própria vivência que do mundo e das coisas teve, desde o seu berço-raiz na Praia da Vitória — por aí fora e dentro, com tantas viagens pelo meio... — até ao remanso tumular — que o foi, lá, selo-o bem, por confiada intimidade — de preto e quase perdão pedido ao enlace dos choupais no rio, que ao mar vai um pouco mais adiante...

Porém, se o claustro é nas palavras, mais do que isso é-o por elas e com elas, que são terras onde se mora em nunca deixada residência e alto destino, devendo o Homem assumir a vida, como ele, Nemésio, em temas coerentes e reiterados de *busca do sentido da existência*, pela representação do Mundo, que é tão autorizadamente válida em especulação de justo juízo conceptualizante quanto em figuração de beleza imagética de intuição suspensiva. Isto também formula o meditativo de *O Verbo e a Morte* e

Sapateia Açoriana, em escrito de autognose, ao filiar a sua hermenêutica existencial no passado: «o mundo da infância no microcosmo da Ilha: o isolamento no seio de uma comunidade patriarcal; a revelação de Deus e do próximo na vizinhança e na família, do destino no amor e na promessa da morte», concisamente assim em concêntrica explicitação de fluxos e interioridade reflexiva, em camadas interfecundantes de sentido.

— Nemésio, perpétuo e lúcido, quanto ao buscar conhecer-se tão seguramente nos abriu para o futuro, deixou uma obra que, como criação açoriana, permanece em parte impensada, e todavia em acto e intenção de profunda significância universal. A sua pensatividade poética, muito longe de ser uma mera evocação de memórias empíricas ou epidérmicas, deve ser antes compreendida como manifestação — ainda discursiva, é certo, mas asceticamente metamorfoseada, formal e intencionalmente austera, conquanto complexa no imaginar, e oscilando entre o manifesto e o oculto —, de vida autêntica e luminosidade interior da Memória Absoluta, para esperançosa Escuta do Verbo.

* * *

Hoje, são estas as palavras, estes os acenos de memória e este o claustro nas palavras, que mais podendo abrir-se se entrefecham como porta delicada, porém com a legítima razão, a vontade dentro e a mesa posta para a partilha solidária, mas concreta e posterior à comemoração pensante da Palavra aceite, lida e realizada. A de Nemésio, ou outra firme como a dele, que semeava: «Semeio versos entre os milhos: / À minha morte, estas palavras / Sejam os campos dos meus filhos». — Trata-se, como é óbvio, de saber merecê-los!

Se a sementeira tarda ao nosso povo, que fique a Ilha, como horizonte pleno de alegria e dignidade, pese embora, às vezes, adiada e «de quem não tem consciência, / Que é como não ter para pão», no *Eu, Comovido a Oeste*, à beira do silêncio no Oceano:

Nas estrelas bem compostas

Fica o silêncio maduro.

(...)

Entre mar e deserto

— Lá ao cabo, onde a Esfinge

Deixa as lágrimas perto.

Açores, Março de 1989

EDUARDO FERRAZ DA ROSA